

# Memória e história do espiritismo em Santa Maria: navegando em suas histórias.

## Memory and history of spiritism in Santa Maria: sailing on their stories.

**Renan Santos Mattos**

Doutorando em História

Universidade Federal de Santa Catarina

[renansnatos@gmail.com](mailto:renansnatos@gmail.com)

Recebido em: 15/07/2015

Aprovado em: 10/01/2016

**RESUMO:** O presente artigo surge da inquietação em torno do uso dos ambientes virtuais pelo Espiritismo Brasileiro, de forma a construir versões sobre sua origem e seus fundadores. Nesse sentido, tem-se por objetivo analisar, de forma bastante inicial, a visão mnemônica construída pela instituição espírita Aliança Espírita Santa-Mariense, tendo por referência as noções de campo de Pierre Bourdieu e lugares de Memória de Pierre Nora. Para tanto, procura-se pensar a narrativa construída pela instituição, inferindo o espaço virtual como lugar de memória do espiritismo brasileiro e sua importância na conformação de uma identidade Espírita na cidade de Santa Maria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espiritismo; narrativa; lugares de memória.

**ABSTRACT:** This article arises from the concern surrounding the use of virtual environments by the Brazilian Spiritism, in order to build versions of its origin and its founders. In this sense, one has to analyze the mnemonic vision built by spiritualist institution Aliança Espírita Santa-Mariense, with reference to the Pierre Bourdieu's notion of field and Pierre Nova's notion of places of memory. For that, we try to think of the narrative constructed by the institution, implying the virtual space as a place of memory of Brazilian spiritism and its importance in the formation of a Spiritist identity in the city of Santa Maria.

**KEYWORDS:** Spiritism; narrative; memory of Places.

Os estudos acadêmicos sobre o espiritismo ganharam, nesses últimos anos, uma dinâmica complexa e uma diversidade de enfoques. Sociólogos, antropólogos e historiadores empreenderam, munidos de seus aportes teóricos e particularidades, a tarefa de compreender a inserção do espiritismo no contexto de pluralização do campo religioso brasileiro<sup>1</sup>. Frente essas questões, como problema central da historiografia, evidencia-se o espiritismo no Brasil com características religiosas acentuadas. Sendo assim, entro em comum acordo com Fábio Silva,

<sup>1</sup> MATTOS, Renan Santos. *Que espiritismo é esse?* Fernando do ó e o contexto religioso de Santa Maria- RS (1930-1940). 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

quando escreve: “o Espiritismo no Brasil não é um simples desvio de uma doutrina racional de origem europeia e que sofreu uma contaminação do mágico e do místico, graças a uma predisposição do povo brasileiro para o maravilhoso”<sup>2</sup>.

O Espiritismo surge, na França, em meados do século XIX, quando o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, publica uma série de livros<sup>3</sup> decorrentes de suas pesquisas sobre os fenômenos metafísicos e psicológicos. Dialogando com sistemas religiosos, doutrinas científicas, filosóficas e políticas, assumindo formas peculiares nos variados contextos em que se inseriu, revela-se uma interessante possibilidade de pensar as disputas travadas no âmbito social e cultural brasileiro.

Tendo como marco inicial a publicação de *O Livro dos Espíritos*, em 1857, e definida por seu idealizador ao mesmo tempo como ciência, filosofia e religião, a doutrina espírita tinha como pressupostos fundamentais: a crença na existência de Deus, a imortalidade da alma, a comunicabilidade dos espíritos, as múltiplas encarnações e a evolução da alma. Nessas considerações, é possível afirmar que o kardecismo é tributário do iluminismo/racionalismo, e, epistemologicamente, apropriou-se de princípios da experimentação característicos do cientificismo, com o objetivo de buscar legitimidade social às suas ideias e práticas. Nesse empreendimento, Kardec ambicionava provar a existência do mundo espiritual, trazendo, assim, uma nova relação entre o mundo físico e os chamados seres do mundo espiritual.

Tal explicação, em consonância com o racionalismo triunfante, portanto, corroborou para sua difusão, sobretudo, entre classes intelectuais que, seduzidos pela proposta de conciliação entre religião e ciência, nessa lógica, buscavam uma interpretação mais coerente do mundo do século XIX, em ebulição diante das transformações científicas e tecnológicas. Ao mesmo tempo em que, de acordo com Artur Isaia<sup>4</sup>, o Espiritismo ao tomar para si a função de "esclarecedor" e "ordenador" da sociedade, neutralizava os ânimos contestatórios dos trabalhadores e inseria-se no contexto de disciplinarização, conferindo-lhes uma ética do trabalho e um modo de acordo com os padrões capitalistas burgueses. Portanto, em seu contexto, o surgimento do kardecismo trazia um projeto de internalização de códigos de conduta, no qual a higiene, a laboriosidade, a

---

<sup>2</sup> SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo: história e poder* (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005, p.32.

<sup>3</sup> Os cinco denominados livros da codificação espírita são: Livro dos Espíritos (1857), Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), O céu e o inferno (1865) e A Gênese (1868). Tal termo de uso nos meios espíritas relaciona-se que Kardec foi responsável pela organização e sistematização do espiritismo. ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, espiritismo é religião?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

<sup>4</sup> ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: PINTO, Elisabete A; ALMEIDA, Ivan A. de (orgs.). *Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade*. São Paulo: Fala Preta, 2004.

observância de rígidos padrões morais, ajustariam o trabalhador urbano à racionalidade capitalista.

Esse sentido conciliador entre ciência e misticismo, entre moral de conduta e ambições científicas, revolucionário para a sua época, permitiu ao espiritismo expressiva difusão por todo o Brasil no final do século XIX e início do século XX. *O Livro dos Espíritos* chega ao Brasil por intermédio dos imigrantes franceses que, à época, desfrutavam de “prestígio econômico, social e cultural”<sup>5</sup>. É importante articular tais acontecimentos a um contexto bastante específico dos anos de 1860, quando o ideário de modernização inaugurado com a chegada da Família Real (1808) consolida-se no Rio de Janeiro, e as novidades da Europa, as ideias como o Darwinismo, Positivismo e Cientificismo passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.

As primeiras agremiações espíritas surgiram na Bahia (1865 e 1874) e no Rio de Janeiro (1873), e, como ápice ta tal processo, surgia a Federação Espírita Brasileira em 1884, numa tentativa de preservar a unidade doutrinária e o esforço de reunir, de modo institucional, a crescente população de adeptos. Obviamente, tal atuação de disciplinarização não se processou isento de dramaticidade, envolvendo disputas e perseguições em diversas instâncias, tanto religiosas, quanto médico-político e judicial. A Federação Espírita Brasileira (FEB) endossa um conjunto de estratégias de forma a legitimar sua posição enquanto instituição normatizadora da doutrina dos espíritos em terras brasileiras, assim, “ao promover ações de cunho social e edição de obras literárias espíritas, entre elas as chamadas obras básicas de Allan Kardec e de autores brasileiros, especialmente, através de meio psicográfico”<sup>6</sup>.

Esse esforço de unidade atuou no sentido de ocultar o que Pedro Paulo Amorim denomina de disputas endógenas, por outro lado, mesmo que as fontes mapeiem a coerência e homogeneidade, os pesquisadores devem buscar os indícios de posições antagônicas, disputas e tensões do meio espírita<sup>7</sup>. Dessa maneira, a consolidação do Pacto Áureo em 1949, a partir do consenso entre as principais instituições espíritas do país, concedeu a FEB o capital simbólico de direção do movimento espírita em território nacional. Por isso, o que se propõe aqui é o pensar como o Movimento espírita atual, no caso a Aliança Espírita Santa-Mariense, lida com o seu

---

<sup>5</sup> DAMAZIO, Sylvania F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.65.

<sup>6</sup> SOARES, Ana Lorym. De livros e leitores: produção e apropriação da literatura espírita brasileira entre os anos 1944 e 1968. In: XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões - Religião, Carisma e Poder: as Formas da Vida Religiosa no Brasil, 2012, São Luis - MA. *Anais dos Simpósios da Associação Brasileira de História das Religiões*. São Luís - MA: UFMA, 2012. v. 13. p. 1.

<sup>7</sup> AMORIM, Pedro Paulo. Que Pacto é esse?. In: XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh – 2011, São Paulo – SP. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – Anpuh*, p. 2-3.

passado, cultura e funda narrativas sobre sua origem. Tal proposta almeja responder a uma perspectiva de desmontagem da produção de uma escrita de si por parte das instituições espíritas, tal qual sugere Jacques Le Goff, influenciado por Michel Foucault acerca do documento-monumento, ao assinalar que “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado”<sup>8</sup>. Conforme a proposição de Le Goff, metodologicamente, problematizamos as fontes de forma a encará-las como expressão do pensamento de uma época, de um lugar social em conexão com o mundo em que se insere.

Diante disso, nesse artigo, analisa-se como a Aliança Espírita Santa-Mariense divulga uma versão de sua história, articulando com a história do espiritismo na cidade de Santa Maria em seu Website/blog<sup>9</sup>. Trata-se de uma pesquisa sobre as informações coletadas no ambiente virtual, e para tanto, discorre-se, inicialmente, sobre a ideia de patrimônio digital e sua relação com documento histórico, inserindo-se num debate recente, porém importante, acerca da fluidez de tais noções, e posteriormente, apresenta-se, de forma bastante inicial, um esboço de análise acerca da construção de espaços virtuais como lugares de memória do espiritismo de Santa Maria. Nesse sentido, homens, mulheres e instituições transitam por projetos nomeadores da realidade, conforme Bourdieu<sup>10</sup>, tentando demarcar sentidos plurais sobre o passado e que funcionam como referenciais de condutas coletivas e construções de identificação.

### Buscando definições: o mundo digital em análise

Em artigo intitulado *Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas*<sup>11</sup>, Dennis Rolland discute o uso da história pelos Ministérios de Relações Internacionais em países como França, Japão e China. Logo, problematiza-se a construção de uma história institucional e sua veiculação na internet. Rolland, dessa forma, estabelece que, em relação a questões identitárias, a história recomposta das instituições responde, por exemplo, à lógica do campo econômico/turístico. Sem problematizar o vínculo identitário, a história divulgada instaura mitos de origem e funda relações de poderes, origina-se de silêncios e jogos de poder. É

---

<sup>8</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.110.

<sup>9</sup> É possível encontrar dados atualizados na página do *facebook* da instituição. <https://www.facebook.com/Aliancaespiritasantamariense?fref=ts>.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

<sup>11</sup> ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Revista Tempo*, n. 16, vol. 8. Rio de Janeiro: UFF, 2004. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg16-4.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg16-4.pdf). Acesso em: 12 de jul. de 2015.

nesse sentido que podemos começar a refletir sobre tal uso do espaço da internet nos meios espíritos.

Inicialmente, é preciso apontar o impacto da chamada revolução documental empreendido pela chamada Escola dos Annales, na primeira metade do século XX, na produção do conhecimento histórico. Nesses termos, o estudo de ambientes pode ser inserido tanto nas particularidades de uma história do tempo presente quanto à emergência de novos instrumentos documentais, que contribuem para novas percepções quanto à noção de arquivo e documentos, e exigem a adoção de metodologias e categorias analíticas próprias<sup>12</sup>.

Além disso, mostra-se oportuno referenciar a questão do ciberespaço e a formação desse espaço de sociabilidade. Tal inovação tecnológica tem como marco a década de 1970, com a invenção de microcomputadores, cuja popularização/universalização deu-se, nos anos de 1990, mediante a adoção da Internet. Difundindo-se a partir do discurso de espaço democrático e livre, testemunhou-se a eclosão de controvertidos debates sobre o que é o real, e as noções de democracia, de tempo e da comunicação humana de ordem filosófico e existencial. Levy traduz tal cenário ao afirmar que a:

característica essencial da Internet, que acaba por modificar a visão de mundo dos seus usuários: a aparente redução das distâncias. De certa maneira, o ciberespaço aboliu o território geográfico no âmbito das comunicações, tornando possível a circulação praticamente instantânea de informações em escala mundial: Um computador e uma conexão telefônica dão acesso a quase todas as informações do mundo, imediatamente ou recorrendo a redes de pessoas capazes de remeter a informação desejada. [...] Cada dispositivo de transporte e de comunicação modifica o espaço prático, isto é, as proximidades efetivas<sup>13</sup>.

No mesmo sentido, a questão do arquivo digital tem suscitado calorosos debates. Citando Jacques Le Goff e Roger Chartier, Vera Doyle Dodebei reflete sobre o impacto da tecnologia na noção de documento histórico, na forma de ler, de pensar e construir sociedades de memória. Nesse sentido ressalta que:

o processo de digitalização dos documentos e, principalmente, com a criação dos objetos nascidos digitais, a preocupação com a preservação dessas fontes aumente, gerando o que muitos autores denominaram “abusos da memória”,

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS* (Online), v. 3, 2011, p.9. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/16776-76347-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/16776-76347-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 08 maio 2015.

<sup>13</sup> LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999, p.99.

“musealização”, “boom de memórias”. Com a internet, a natureza das fontes e dos arquivos é alterada, não só no que se refere à escrita como, principalmente, ao modo como são produzidas, organizadas e disseminadas as narrativas em websites, blogs, twitts<sup>14</sup>.

Dodebei enseja importante discussão na lógica da preservação e ampliação do conceito de patrimônio. Logo, a revisão em torno da noção documental levanta questionamentos sobre o que se preservar, como se preservar, e a necessidade de um o conceito de patrimônios capaz de abarcar documentos digitalizados ou nascidos digitais. A autora passa a discorrer sobre a celeuma que se instaura e os possíveis percalços dessa proposta a partir de uma noção ampla de memória digital:

O documento final do Fórum defende a criação de um protocolo para a preservação da memória digital usando softwares de acesso livre (*fonte aberta*). Ao mesmo tempo, ele postula que, sem um nível mínimo de comunicação entre as instituições do país sobre o tema, existe o risco de ineficácia: o mesmo manuscrito pode ser digitalizado duas vezes, ocasionando a duplicação dos gastos em processamento de dados do mesmo arquivo em código binário. Assim, como é improvável e até mesmo indesejável que a preservação digital seja centralizada, é interessante refletir sobre os possíveis meios de coordenação e como assegurar o uso eficiente dos recursos. Os estudos sobre a memória social e a construção do patrimônio, na atualidade, têm enfatizado a necessidade de se pensar a partir da encruzilhada de saberes onde se constroem as relações com o passado<sup>15</sup>.

Logo, ainda cabe relacionar conceito de documento digital e seu uso no ofício do historiador. Apontando para a diversidade de fontes digitais, e a respeito de uma técnica e a questão do ofício do historiador, Fábio Almeida discorre de forma bastante elucidativa sobre a importância de tal ferramenta na construção do conhecimento histórico:

o utilizar sites da Internet como fonte primária o historiador irá, provavelmente, ser a primeira pessoa a preocupar-se em verificar sua autenticidade. Isso faz com que aumentem as chances de se deparar com algum tipo de falsificação. Por isso, ao trabalhar com fontes da Internet, a atenção deve ser redobrada. O historiador precisa utilizar a técnica e desenvolver a habilidade necessária para selecionar o material confiável<sup>16</sup>.

Sumariamente, no âmbito do conhecimento histórico buscamos sistematizar dois problemas que convergem, o uso de website na pesquisa histórica, por outro lado, a noção de ciberespaço também invadiu as pesquisas do chamado campo religiões e religiosidades. Há uma ampla produção nessa ordem. Como ponto central, envolveria a midiaticização do religioso e o

<sup>14</sup> DODEBEI, Vera. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. *Aurora* (PUCSP. Online), v. 10, p. 36-50, 2011, p. 44.

<sup>15</sup> \_\_\_\_\_. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? *Datagrama zero*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 01, 2011, p.1.

<sup>16</sup> ALMEIDA. *O Historiador e as Fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas*, p.22.

viver religioso no espaço da web, no qual se encontram velas virtuais, terços virtuais, peregrinação virtual bem como marketing e estratégias em torno da conquista de adeptos. Há inclusive uma tentativa de ampliação do conceito a partir da ideia de Ciber-religiosidade, porém ao lidarmos com o contexto institucional, seguimos as definições de Miklos que dimensiona:

ciber-religião fundada na comunicação a distância, aboliu o corpo físico e o espaço material promovendo a desmaterialização e o sacrifício do corpo. Sai o corpo entra a imagem que é devorada e que, simultaneamente devora seus interlocutores. A concretude da experiência humana é deixada no passado para emergir no presente uma sociedade escravizada pelos signos da sua visibilidade. Vive-se em um mundo no qual tudo o que o compõe deixa de ser valorizado pelo seu sentido real para ser vangloriado pelo seu valor no mercado<sup>17</sup>.

Desse contexto de história do tempo presente, pensamos que a noção de regime de temporalidade evidencia uma perspectiva interessante para pensar a elaboração, divulgação e análise de tais indícios. Nesse sentido, as contribuições de François Hartog (2013) em seu cultuado trabalho intitulado *Regimes de historicidade - presentismo e experiências do Tempo*. Segundo o historiador francês, a sociedade atual está imersa no que denomina regime de historicidade presentista. Para ele, o presentismo substituiu o futurismo, logo, sem futuro e sem passado, o homem produz diariamente o futuro e o passado que precisa, valorizando o que se sucede no imediato. Como sintomas do regime de historicidade, Hartog diagnostica a preocupação incisiva em torno de raízes e de identidade, resultado do paradigma preocupado em preservar, em guardar e registrar os acontecimentos. Diante disso, ao abordar as memórias da Aliança Espírita Santa-Mariense permite refletir sobre tal contexto<sup>18</sup>.

### **Mapeando histórias, navegando em memórias: o espiritismo em Santa Maria e a Aliança Espírita.**

Se um coração foi aliviado;  
Se alguém obteve novo ânimo;  
Se alguma pessoa descobriu para si própria algum sinal de paz;  
Ou se teu próprio ambiente surgiu mais claro;  
O teu sorriso, mesmo constringido,  
Apresentou imenso valor,  
Porque o sorriso,  
Mesmo forçado,  
Vale muito mais que não sorrir  
Livro Material de Construção - Francisco C. Xavier

<sup>17</sup> MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na Cibercultura*. 1ª. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2012, p. 120.

<sup>18</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

As palavras de Emmanuel, entoadas suavemente ao fundo da página a partir da Rádio Fraternidade, rompem com a noção de espaço e o tempo. Espírita ou não, somos conduzidos entre imagens e sons a um universo de práticas, sentimentos e tentativas de registros de relações sociais vivenciadas no dia a dia de uma instituição espírita. Já, na primeira imagem, podemos perceber alguns elementos visuais que acenam para a representação do espiritismo enquanto parte integrante da cristandade. Jesus Cristo, Maria (foto relacionada à psicografia de Chico Xavier), Allan Kardec, Chico Xavier lado a lado. Em suma, fortificam uma mensagem. Talvez uma tentativa de diálogo entre espiritismo e mundo cristão. Corporificam um jogo de lutas simbólicas. Ficam algumas hipóteses: seria um investimento de conciliação, seria um diálogo com as devoções marianas, símbolos do marketing religioso na cidade Santa Maria<sup>19</sup>. Essa é a primeira impressão.



Imagem 1: Fonte Aliança Espírita Santa-Mariense<sup>20</sup>

Diante disso, recorre-se a um pouco da história do espiritismo na cidade de forma a apontar as escolhas e estratégias assumidas pelos espíritas. O surgimento do Espiritismo de Santa Maria deu-se com a fundação da Sociedade Espírita Paz, Amor e Caridade na localidade de Água Boa, atual distrito de Arroio do Só, em 1903. Já a primeira instituição no município recebeu o nome de Sociedade Espírita Mont'Alverne, seguida, em 1915, pela Sociedade Espírita Dr. Adolfo

<sup>19</sup>Santa Maria da Boca do Monte é conhecida por várias denominações: cidade ferroviária, cidade universitária, cidade militar e cidade mais católica do interior do estado. Cada nome tem os seus motivos, mas no campo religioso, é uma romaria que faz com que Santa Maria seja considerada uma cidadela católica. A devoção a Nossa Senhora da Medianeira foi trazida pelo clero diocesano na década de 1930, e, nos anos seguintes, teve início a festa em sua homenagem, que, em 1943, tornou-se “romaria estadual”. Desde então, ela vem atraindo um número cada vez maior de devotos. Sobre a construção da devoção. Ver BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, UNISINOS, 2010.

<sup>20</sup> Disponível: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 de maio de 2015.

Bezerra de Menezes.<sup>21</sup> Por outro lado, um marco delimitador dessa organização ocorreu em 1921, com o surgimento da Aliança Espírita Santa-Mariense (AES), dando início à fundação de importantes instituições e uma campanha de divulgação do Espiritismo. Tais constatações podem perceber no seu estatuto que data de 1926:

Art. 1 – A «Aliança Espírita Santamariense» será constituída das entidades espíritas do município de Santa Maria da Bocca do Monte, que a ela se filiarem, e de sócios individuais.

§ Unico – São consideradas entidades espíritas, sociedades, centros, círculos, grupos, jornales, revistas e quaisquer instituições, cujos programmas observarem os princípios fundamentais da doutrina espírita.

Art. 2 – Sua séde social e jurídica é a cidade de Santa Maria da Bocca do Monte – Estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

Art. 3 – A «Aliança Espírita Santamariense» se acha filiada à «Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul» e seus fins principaes são:

- a) Propagar, executar e defender a doutrina espírita, por todos os meios ao seu alcance;
- b) Criar escolas, albergues e pharmácia para os necessitados, soccorrendo-os, principalmente, as viuvas, órfãos e a velhice, desamparados, tanto quanto permitirem suas condições financeiras;
- c) Organisar uma bibliotheca, augmentando-a na proporção de suas posses, bem como uma sala de leitura para os seus associados, e que poderá ser franqueada ao publico, quando assim entenderem os seus dirigentes.
- d) *De propaganda* – conferencias ou palestras publicas, para o que serão convidados oradores de reconhecida competência. O thema, entretanto, de livre escolha destes será completamente alheio a quaesquer questões pessoais, ou de aggressão a outras crenças – mantida, apenas, a liberdade de critica, moderada<sup>22</sup>

Assim, uma prática e uma interpretação de espiritismo foram enunciadas por tais agentes e suas instituições nesse espaço público. Em sua pesquisa, Bruno Scherer<sup>23</sup> afirma que o desenvolvimento de ações assistenciais em prol de setores economicamente desfavorecidos da população contribuiu para o reconhecimento e aceitação do espiritismo na sociedade santamariense. É justamente esse ponto ressaltado no site da Sociedade Aliança Espírita Santa-Mariense na construção da história institucional:

Ações Sociais realizadas pela Sociedade: A arrecadação de alimentos não perecíveis por parte da Aliança Espírita Santa-Mariense, é entregue em parte para uma das trabalhadoras da Sociedade Senhora Marisa Krug que há muitos anos realiza a distribuição no Bairro Montanha Russa. Nas datas festivas: Páscoa, dia das crianças, dia das Mães e Natal, são distribuídos cachorros-quentes no referido bairro, resultado de doações arrecadadas da comunidade de Santa Maria A Associação pleiteou junto a Apofesma (Associação dos policiais federais de Santa Maria) uma doação mensal para a Escolinha comunitária

<sup>21</sup> Disponível: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

<sup>22</sup> ALIANÇA ESPÍRITA SANTA-MARIENSE, Estatuto, 1926, p. 1. Acervo Estatutos da Aliança Espírita Santamariense, 1926, p. 1. Acervo Aliança Espírita Santa-mariense.

<sup>23</sup> SCHERER, Bruno Cortês. *Ações Sociais do Espiritismo: A Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade, Santa Maria – RS (1932-1957)*. Santa Maria: Trabalho de Conclusão do Curso de História/UFMS, 2013.

"Criança Feliz" no bairro Bom Jesus, onde 37 crianças passam o dia e se alimentam, e suas famílias estão abaixo da linha da pobreza<sup>24</sup>.

Em tal espaço, encontramos entrevistas (testemunhos), fotos, mensagens, publicidade de eventos, artigos religiosos, lançamentos de livros e notícias sobre as instituições que compõem a Aliança Espírita. Por outro lado, ao privilegiarmos narrativas, optamos por analisar o quesito denominado de histórico, em que o grupo Aliança-Espírita constrói uma história institucional e sua com relação com a cidade de Santa Maria. Índícios de uma história sobre as lutas travadas, um jogo de memória que reitera a configuração de um momento “revolucionário” da história do espiritismo na cidade a partir da criação da Aliança Espírita Santa-Mariense, nesse trecho opera-se uma relação de poder e efeito do real:

A Aliança espírita Santa-Mariense - Casa Mãter do Espiritismo em Santa Maria foi fundada em 24 de junho de 1921, por um grupo de sociedades espíritas que já existiam, em nossa cidade, com o objetivo de se defenderem da perseguição incansável do clero romano de então, pois a Codificação ainda era nascente e precisava de uma entidade composta por essas mesmas sociedades, a exemplo do "feixe de varas", que as representassem e defendessem-nas judicial e extrajudicialmente se fosse o caso<sup>25</sup>.

Assim, os escritos buscam relacionar o contexto de perseguições e constrangimento à implantação do Espiritismo na cidade de Santa Maria e região com a atuação da igreja, ao mesmo tempo em que celebra os pioneiros e desbravadores que lançaram as bases para um projeto de propagação do espiritismo, considerado de sucesso. O efeito produzido dá-se mediante a argumentação de que, atualmente, existem mais de quarenta sociedades espíritas na cidade. Tal espaço de disputa confirma-se com o uso do documento intitulado *Ofício da Sociedade Espírita Mont'alverne ao Intendente Municipal de Santa Maria datado de 1912*<sup>26</sup>, assim, evidencia-se as disputas religiosas travadas nos seguintes termos:

onde é pedido providências sobre a ameaça feita pelo subdelegado do 5º Distrito, Água-bona, Sr Otávio Ribeiro dos Santos, ao Confrade Osório Flores de Oliveira, ameaçando-o com prisão, mostrando-lhe um "maneador", *correia de couro ou de corda para se manear ou se prender algo ou alguém*, com a qual mandaria atá-lo se continuasse a ensinar remédios pelo Espiritismo para dar aos doentes. O Subdelegado continuou com o seu abuso de poder dizendo que reuniria à força precisa para dar uma batida na casa do confrade José Angelo Corrêa quando ali realizarem sessões de Espiritismo porque o Subdelegado não quer que se pratique o Espiritismo no 5º Distrito<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

As perseguições e dificuldades enfrentadas pelos espíritas, portanto, justificam um projeto de unificação. Logo, demarca-se que “havia algumas sociedades divulgando o espiritismo em Santa Maria, por isso a importância de fazermos um relato da vida dessas sociedades espíritas, bem como seus fundadores, divulgadores e frequentadores”<sup>28</sup>. Portanto, a narrativa, antes de discorrer sobre a Aliança Espírita Santa-Mariense, trata-se da fundação da Sociedade Espírita Mont'Alverne em 31 de março de 1910, primeira instituição espírita inaugurada na cidade como uma forma de demarcar as origens e a pretendida ordenação do passado e de um projeto coerente e unificado:

SOCIEDADE ESPÍRITA MONT'ALVERNE - Fundada em 31 de Março de 1910, conforme consta na ata de fundação (Acta nº1), já tinham sido feitas duas tentativas, anteriormente, mas não houve número suficiente de pessoas crentes, o ato ficou adiado. Por Sugestão da Médium Maria Francisca da Silva Castro, tendo em vista avizinhar-se o 41º aniversário de desencarne no codificador, ela sugeriu ao irmão Octacílio de Aguiar que se aproveitasse a ocasião e se fundasse a sociedade. Este levou a idéia ao Confrade Evergisto, a qual foi aceita. Iniciaram-se as tratativas para a concretização do ato, como a confecção de convites, conforme consta na cópia xerográfica da Ata N°1<sup>29</sup>.

Esses embates ganham um discurso de legitimação a partir das mensagens dos Espíritos Superiores. Assim, ressalta-se no espaço que

Mensagens recebidas pelo médium Evergisto Duarte no dia de fundação da sociedade Mont'alverne. Que a Santa Paz do Senhor seja convosco, e na terra com todos os homens de boa vontade. Assinado Mont'alverne. Nós assistiremos os vossos trabalhos e também o homenageado que se fará representar. Deus vos abençoe. Mont'alverne. Felicianos e outros vossos humildes irmãos<sup>30</sup>.

O debruçar-se sobre as tensões sociais e religiosas de Santa Maria, e a abordagem sobre o movimento espírita predecessor de certa forma convergem para o discurso fundacional da Aliança Espírita Santa-Mariense. E, ao mesmo tempo, legitimam a perspectiva de organização que data de 1918, porém, ainda se ressalta que, por três anos, a instituição ficou sem realização de atividades. Logo,

com a interferência das Sociedades Espíritas Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Caminho da Luz, Cáritas, Mont'Alverne, Guilhermina de Almeida e Caminho da Verdade. Nesse primeiro momento logo após a sua fundação, não houve mais as atividades a que se propunha; portanto, esteve com seus trabalhos paralisados por três anos de acordo com a pesquisa histórica feita pelo nosso irmão João da Fontoura e Souza, um dos pioneiros da implantação do

<sup>28</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

<sup>30</sup> Disponível em: [www.aliancaespirita.com/p/historico.html](http://www.aliancaespirita.com/p/historico.html). Acesso: 02 maio 2015.

Espiritismo em Santa Maria, histórico esse corroborado, posteriormente, pela pesquisa com carinho realizada pela nossa irmã Florina da Silva e Souza<sup>31</sup>.

Por outro lado, é possível perceber que o projeto de unificação do espiritismo foi tomado de hesitação e conflitos. Nesse sentido, o testemunho de João Souza traz detalhes das dificuldades enfrentadas é paradigmático:

Depois de alguns meses reunimo-nos em casa de Alfredo Luiz Silva no centro Bezerra de Menezes e em outros locais, em junho, reinauguramos a Aliança. Nessa Luta contamos com dedicados companheiros, já no além, como: João Bandeira, Damião, Evergisto Duarte e, ainda encarnados, a nossa irmã Maria José e mais alguns poucos trabalhadores daquela época foi então que procurei os confrades Evergisto Duarte Porciúncula, Albuquerque e Manoel Ribeiro. Desse contato, tive a mais dolorosa decepção, pois a exceção de Manoel Almeida e Porciúncula, todos os demais manifestaram descrentes com a possibilidade de unificação entre as entidades. Nessa época, em companhia de Alfredo Luiz Silva, demos início à campanha, visitando as Sociedades, realizando palestras sobre a Codificação, sem entretanto interferir em suas próprias atividades, a não ser no terreno doutrinário<sup>32</sup>.

O ato de reinauguração da ALIANÇA ESPÍRITA SANTA-MARIENSE, em 1921, demarcou um novo momento do espiritismo em Santa Maria. Citando o testemunho da irmã Jenny Silva Leal, à época com nove anos de idade, tal ato contou com a presença dos seguintes membros do movimento espírita: Alfredo Luiz Silva e família, João da Fontoura e Souza, Octacílio Carlos Aguiar e família, Evergisto Duarte, Diógenes Cony, Marcindo Castilhos entre outras pessoas<sup>33</sup>.

Inicialmente localizado a Rua Tuiuty nº 191<sup>34</sup>, a mudança de endereço em 1934, para a Rua Silva Jardim, esquina Lucas Barbosa, representou um momento importante na constituição identitária e organizacional do espiritismo em Santa Maria. O testemunho de Jenny reconstrói o tom celebratório de tal ato. Segundo a mesma, na reinauguração falaram diversos oradores ligados ao movimento espírita da cidade, e como ato simbólico foi colocado no alicerce uma caixinha e dentro dela a ata do momento e algumas moedas; por fim três meninas: Jenny, Idelares e Dolores declamaram a poesia intitulada Pedra Fundamental de autoria do Dr. Marcindo em homenagem à Aliança Espírita de Santa-Mariense<sup>35</sup>:

Pedra Fundamental  
Pedra tu és: Alicerce, fachada, bandeira!  
És e serás o teto azul do monumento

<sup>31</sup> Disponível em: [www.aliancaespirita.com/p/historico.html](http://www.aliancaespirita.com/p/historico.html). Acesso: 02 maio 2015.

<sup>32</sup> Disponível em: [www.aliancaespirita.com/p/historico.html](http://www.aliancaespirita.com/p/historico.html). Acesso: 02 maio 2015.

<sup>33</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

<sup>34</sup> Segundo consta no website, tal local correspondia à residência do Espírita Alfredo Luiz Silva.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html>. Acesso: 02 maio 2015.

Que hás de abranger  
A humanidade inteira!  
Aqui nesta pedra existe um ninho  
Rufam asas de luz  
Num mundo escuro Como que rasgando  
O perenal caminho  
Que dá para o porvir Para o futuro!  
Daqui Frondejarão viçosos galhos  
Maternas sombras para a humanidade!  
Remédio para as dores E o trabalho  
E a cristalina ninfa, a Caridade  
Que dessedenta e cicatriza os talhos.  
Marcindo Castilhos<sup>36</sup>.

O último momento de destaque da narrativa histórico refere-se ao dia 11 de junho de 2001, correspondente à comemoração dos 80 anos da Aliança Espírita Santa-Mariense. Uma série de eventos foi programada: declamações do poema *Pedra Fundamental* pelas irmãs Jenny Silva Leal, Idelares e Dolores, bem como a apresentação de um trabalho sobre a história pela Liliane Gaida Blaya, neta da Nilsa Gaida Blaya, Presidente da Aliança Espírita Santa-Mariense no presente momento. Informou-se ainda que compareceu ao evento o presidente da FERGS<sup>37</sup> Angel Aguarod<sup>38</sup>.

Não obstante a isso, para dar conta de sua presença no ambiente social da cidade, a narrativa do site passa a referenciar que a instituição “não restringiu suas atividades exclusivamente a divulgação da Codificação, associou-se também a outras iniciativas como a campanha a favor do Estado Leigo”<sup>39</sup>. É possível ler, nas considerações históricas, uma contradição, cita-se uma conciliação com a Igreja Católica. Nesse evento, estiveram presentes: Cícero Barreto pela maçonaria, Dorly Chaves pela Igreja Metodista e mais dois clérigos pela Igreja Luterana e Francisco Teltrout pela Sinagoga Israelita<sup>40</sup>.

Ressaltam-se conexões entre maçonaria e espiritismo. A atuação de Fernando do Ó é destacada em relato de João Fontoura Souza, bem como a surpresa de uma reunião sobre posições políticas nos anos de 1930 ter ocorrido no espaço físico da Aliança Espírita Santa-Mariense. Nessa lógica, o protagonismo dos espíritas é retomado e ressignificado a partir de disputas religiosas:

<sup>36</sup> Disponível em: [www.aliancaespirita.com/p/historico.html](http://www.aliancaespirita.com/p/historico.html). Acesso: 2 maio 2015.

<sup>37</sup> Federação Espírita do Rio Grande do Sul

<sup>38</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

<sup>40</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

Ditos trabalhos ainda continuaram por alguns tempos na Loja da Maçonaria Luz e Trabalho sempre sob os auspícios da Casa Mãter e demais entidades até que fossem encaminhados os acontecimentos políticos para a laicidade do Estado, o que aconteceu com a entrega de um memorial de Santa Maria a Mãe de Osvaldo Aranha pelo Monsenhor Nicolau Mar em Porto Alegre<sup>41</sup>.

Diante desses aspectos, é estabelecida uma memória oficial, resultado da gestão de um equilíbrio entre memória, esquecimento e silêncio por parte de homens e mulheres ligados ao movimento espírita. Toda essa complexidade implica a tentativa de lidar com o passado. Logo, segundo Michel Pollack, a memória é um elemento de constituição do sentimento de pertencimento tanto coletivo quanto individual, pois atua na formação do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>42</sup>. Estes registros reforçam a representatividade da Aliança Espírita Santa-Mariense para o movimento espírita de Santa Maria, evidenciam-se interlocuções, as redes de sociabilidade tecidas entre o espiritismo e as demais forças sociais dotadas de interesses semelhantes. Endossa-se, para a construção de memórias a serem cultuadas, como elementos de coesão do grupo, logo, “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”<sup>43</sup>.

Levando-se em conta o sentido organizacional da memória do movimento, buscamos compreender o esforço narrativo em atrelar a história da Aliança Espírita Santa-Mariense a serviço de uma causa. Entendemos tal narrativa como um projeto de nomeação da realidade, o qual “precisa aparecer naturalizado, sem história”. Desta forma, entra o trabalho do historiador, capaz de “mostrar o caráter humano, temporal do que se apresenta acima das contingências socioculturais”.

O espaço ciber-religioso funciona como um lugar de Memória<sup>44</sup>, já que “a memória emerge de um grupo que ela une”<sup>45</sup>. Há elementos discursivos e imagéticos que buscam legitimar um passado institucional, seja a partir do uso de documentos e testemunhos, logo, datas,

---

<sup>41</sup> Disponível em: <http://aliancaespiritasantamariense.blogspot.com.br/p/historico.html> Acesso: 02 maio 2015.

<sup>42</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 204-207.

<sup>43</sup> HOBSBAWM, Eric. “Introdução” In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9.

<sup>44</sup> Segundo Pierre Nora, os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07- 28, 1993, p.13.

<sup>45</sup> \_\_\_\_\_. *Entre Memória e História*, p.9.

personagens e eventos da instituição são compartilhados com os interessados pela causa, fruto de seleções e sentidos partilhados. Enaltecendo o processo de expansão de um projeto espírita na cidade de Santa Maria, ressaltando o caminho de dificuldades, uma memória estabelece a coesão frente a essa projeção de passado. As evidências aqui analisadas relacionam a história da Aliança Espírita Santa-Mariense e a busca de protagonismo, ou seja, traz a conhecimento o esforço de homens e mulheres que dedicaram suas vidas à doutrina espírita, em meio a inimigos poderosos, reforçando, assim a vitória do movimento espírita e superação de um passado de dificuldades na Santa Maria da Boca do Monte.

### Considerações Finais

Sumariamente, esse artigo propôs-se a pensar a construção de memória de uma instituição espírita. Permitindo, dessa forma, esmiuçar uma série de agências dos sujeitos históricos – espíritas- no presente. Uma memória que se ressignifica almejando coerência de forma a demarcar formas de pertencimentos e identificação. É, nesse sentido, que se procurou evidenciar tal gestão do passado por parte institucional, no caso, a Aliança Espírita. Infere-se um sentido e significado para sua fundação a partir dos conflitos e constrangimentos peculiares a cidade de Santa Maria. Tal evidência linear, teleológica integra um processo complexo de construção do passado, de elementos que, no entendimento do grupo, devem compor sua historicidade, sua finalidade enquanto integrantes de um movimento mais amplo no cenário da cidade. Compor as lutas travadas, as conquistas, a superação de dificuldades do movimento espírita em Santa Maria confere legitimidade a uma determinada imagem coletiva, compondo seu campo de lutas como a caridade, a solidariedade e a liberdade de experimentar a vivência religiosa, emblema de uma democracia plena.

Convergem também para o trabalho de voz autorizada a falar em nome do espiritismo, nos meandros de conquista enquanto senhores do passado e visa à acumulação de um capital simbólico de “formalização da memória” e gestão da mesma. Ou seja, como os grupos e indivíduos conectam com seu passado à imagem que forjaram de si mesmos. Portanto, essa análise dimensiona a práticas de sentido do passado, logo, como tais grupos lidam com tempo, a ordem do tempo que com seu poder simbólico forja a unidade desejada, isto é, trata de trazer à existência enquanto grupo, segundo Bourdieu, a partir de um poder de fazer o grupo, impondo-lhe princípios de visão e divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma

visão idêntica da sua unidade<sup>46</sup>. Logo, frente à exemplaridade pretendida, temos indícios de uma coletividade em busca de passado, e a construção de nomes, datas e eventos que envolvem os denominados propagandistas do espiritismo na cidade de Santa Maria. Estes propagandistas, homens e mulheres, surgem como tipos ideais dos valores propagados no âmbito do movimento espírita, logo, vislumbra-se todo esforço de elogio para esses elementos tidos como fundamentais para estruturar formas de identificação e pertencimento.

---

<sup>46</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.117.